

Risco de moratória desvaloriza títulos da dívida

A cotação dos papéis da dívida brasileira (os chamados DFA) no mercado secundário internacional caiu na última sexta-feira para US\$ 30 centavos para cada US\$ 1 de valor nominal, contra os US\$ 34 centavos da semana passada. Esta queda, na avaliação do Vice-Presidente da Atlantic Capital, Evan Sponagle, reflete o temor do sistema financeiro internacional de uma nova moratória externa brasileira. Nas últimas semanas, os bancos que tinham títulos brasileiros em carteira começaram a trocar estes papéis por créditos contra o México e Venezuela.

Segundo Sponagle, o mercado com papéis brasileiros está paralisado (já movimentou US\$ 12 bilhões na febre

de conversão da dívida). Todas as atenções estão voltadas para a dívida do México e Venezuela, diante do consenso de que estes dois países serão os primeiros a se valerem dos benefícios do Plano Brady para redução da dívida externa.

O temor da comunidade financeira de uma suspensão dos pagamentos dos juros existe até mesmo se o Brasil obtiver recursos do Banco Mundial e FMI. Isso porque há um certo receio de que o País utilize estes recursos para resolver o problema de financiamento do déficit público, de modo a ajudar o Governo a se livrar de uma outra grande ameaça: a de uma moratória interna.

Na avaliação de Sponagle, e pelo o que ele tem conversado com ban-

queiros internacionais, tanto o FMI quanto o Bird se empenharão em resolver a questão com o Brasil. Os riscos de que se repita no País o que está ocorrendo com a Argentina e o que já aconteceu na Venezuela estão presentes nas negociações brasileiras com estas duas agências.

Sponagle observa que na medida em que o Governo acerte com o Fundo e Banco Mundial a liberação dos recursos previstos, a cotação dos títulos da dívida externa do País começará a subir, porque será extremamente vantajoso comprar créditos brasileiros a US\$ 30 centavos e ganhar juros de 11% (libor mais spread) sobre o valor de face destes papéis, ou seja sobre US\$ 1.